

## CULTURA, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO: A EXPERIÊNCIA DE UM BOLSISTA INDÍGENA KAINGANG NO NÚCLEO DE FOLCLORE E CULTURAS POPULARES DA UFPEL - NUfolk

DENIVAL MANOEL ANTONIO<sup>1</sup>; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS<sup>2</sup>;  
MARCO AURELIO DA CRUZ SOUZA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – antoniodenny883@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – thiago.amorim@ufpel.edu.br*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – marcoaurelio.souzamarco@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

A inserção de estudantes indígenas no ensino superior brasileiro é um marco importante no processo de democratização da educação e na valorização da diversidade cultural do nosso país. Mais do que garantir acesso, é fundamental visar sua permanência, assim como criar espaços que promovam a escuta, a troca e o fortalecimento das identidades étnicas (Garcês, *et al.*, 2024).

Neste contexto, a participação em projetos de ensino, pesquisa e extensão são fundamentais para a efetiva formação de estudantes indígenas. Neste sentido, buscamos neste trabalho relatar a inserção de um estudante indígena de Etnia Kaingang no Projeto Unificado com ênfase em extensão, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, o NUfolk - Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPel, o qual atua com ações voltadas à preservação e difusão das culturas populares como estratégia para a construção de um ambiente acadêmico plural e inclusivo.

O estudante Kaingang é originalmente proveniente da Aldeia Indígena Ligeiro (Charrua/RS) e atualmente cursa o quarto semestre do curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. O mesmo iniciou sua atuação como bolsista de extensão em abril de 2025.

### 2. METODOLOGIA

O presente estudo adota a abordagem qualitativa ao apresentar as reflexões, na modalidade relato de experiência, a partir da trajetória do estudante indígena como extensionista e bolsista do projeto mencionado.

Nesse sentido, a escolha metodológica funda seu percurso na ética autoetnográfica. De acordo com Versiani (2002), a autoetnografia valoriza a experiência pessoal, na qual o pesquisador também é participante e narra vivências significativas. Ela contextualiza culturalmente as histórias individuais, interpretando-as à luz de contextos coletivos, sociais e históricos. Além disso, integra subjetividade e ciência, não buscando apagar a dimensão subjetiva, mas utilizá-la como recurso para uma interpretação crítica. Por fim, a autoetnografia produz conhecimento reflexivo, sendo a narrativa ao mesmo tempo pessoal e analítica, o que favorece a compreensão de si e do grupo cultural observado.

### 3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Apesar dos avanços no ingresso, a permanência dos estudantes indígenas nos bancos universitários enfrentou e ainda enfrenta barreiras culturais, econômicas e acadêmicas. Entre os desafios estão os preconceitos, o isolamento

cultural, lacunas no domínio da linguagem em Língua Portuguesa e, por vezes, a dificuldade para adaptação ao ritmo e a exigência da vida universitária. Muitos indígenas também relatam a ausência de conteúdos e representatividade cultural nos currículos e na composição do corpo docente das diferentes carreiras acadêmicas (Schmidt, 2025).

Este relato de muitos indígenas aconteceu de forma diferente pelo estudante indígena participante destas reflexões. Ele relata que a entrada no Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPel (NUFOLK) foi marcada por acolhimento e respeito dos coordenadores e colegas pesquisadores e extensionistas, com abertura para a escuta e valorização da cultura indígena.

O caminho percorrido até a efetivação enquanto bolsista reuniu momentos que vão desde o primeiro contato com o projeto até a vivência plena das atividades realizadas. O primeiro passo foi o conhecimento do projeto, que surgiu de forma simples, mas marcante: no Instagram, ao olhar a publicação da UFPEL chamou a atenção do estudante e despertou o interesse em conhecer melhor o trabalho desenvolvido pelo projeto NUFOLK.

Na sequência, ocorreu a participação do estudante no processo seletivo para bolsista de extensão do NUFOLK, composto pela inscrição no edital, pela escrita de uma carta de intenção, momento de refletir e expressar motivações pessoais e pela participação em uma entrevista com a equipe responsável, etapa final que reforçou a afinidade com a proposta apresentada pelos coordenadores.



**Figura 1** (esquerda) – Registro de reunião de planejamento com o Bolsista da Etnia Kaingang Manoel em primeiro plano, na parte inferior do lado esquerdo da imagem

**Figura 2** (direita) - Encontro semanal da equipe de bolsistas, voluntários e professores do projeto na Sala do NUFOLK

Dentre as contribuições do NUFOLK à trajetória do bolsista até o presente momento, são destacadas pelo estudante: a divulgação de elementos culturais indígenas em atividades do núcleo, compartilhamento de saberes sobre grupos culturais tradicionais dentro da universidade, participação em apresentações e ações educativas, estímulo à participação de outros estudantes indígenas e não indígenas em projetos culturais.

No âmbito das atividades realizadas pelo estudante na condição de bolsista de extensão, merece destaque sua participação direta e importante na organização

da 14ª Semana do Folclore de Culturas Populares da UFPel. Nesta ação do projeto, o bolsista foi um dos responsáveis pela organização do evento, pela criação dos banners para Instagram e demais materiais de divulgação, atualização do site, publicação de notícias e estabelecimento de contatos com ministrantes das oficinas, entre outros.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

O NUFOLK, ao longo de seus 15 anos de existência, é reconhecido como um ambiente formativo complementar, que estimula a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para o crescimento profissional e pessoal dos estudantes que participam do projeto, ao mesmo tempo que fortalece a cultura popular regional e nacional (NUFOLK, 2022).

A experiência do bolsista indígena no Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPel evidenciou a necessidade e relevância de projetos acadêmicos na UFPel que promovam a valorização das culturas populares como mecanismos de inclusão, representatividade e diálogo, gerando uma condição efetiva de pertencimento destes alunos a este espaço. A participação ativa de estudantes indígenas nesses ambientes pode fortalecer ainda mais a diversidade cultural no ambiente universitário e contribuir para a preservação e difusão de saberes tradicionais, que ainda são muitas vezes negligenciados em alguns ambientes universitários e educacionais, de um modo geral.

Iniciativas como esta reforçam a importância de políticas de permanência e inclusão, não apenas de acesso, bem como a necessidade de criação de ambientes que estimulem a troca de experiências entre diferentes culturas, promovendo a construção de uma universidade plural e socialmente comprometida e que seja responsável, ética e abrangente no acolhimento à diversidade que nos constitui enquanto país.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GARCÉS, L; et al. Processo de acesso e permanência dos povos indígenas nas universidades do Brasil. **Acervo educacional**. São Luís-MA, v. 6, n. 5, p. 1-10, 2024.
- VERSIANI, Daniela Beccaccia. Autoetnografia: Uma alternativa conceitual. **Letra de hoje**, Porto Alegre-RS, v. 37, n. 4, p. 57-72, 2002.
- SCHMIDT, Sarah. Via de mão dupla entre a universidade e a aldeia. In: **PESQUISA NA FAPESP**, 1., São Paulo, 2025, **Anais...** São Paulo: Ações afirmativas, Pesquisa FAPESP, 2025. p.30-33.
- NUFOLK, Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPel. **Portal institucional UFPel**, 2022. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u5103>. Acesso em: 20 de agosto de 2025.